

Um texto científico necessita de ter uma certa «beleza», uma beleza especial que dê ao conteúdo o relêvo que se deseja. É um êrro dizer-se que não há beleza numa memória científica. «Hermite é um cinzelador. Há em matemáticas verdadeiros Flaubert». Simplesmente a beleza que há na frase «Dies irae, dies illa», não aparece numa frase como «Dois triângulos semelhantes teem os seus ângulos respectiva-

mente iguais». A beleza que num escrito científico nos surge é uma beleza de conjunto, de ordem.

Qual é o valor da beleza num escrito em linguagem das ciências?

Enquanto na Linguagem lírica o estilo é tudo,

Na linguagem das ciências o estilo é a higiene do pensamento

a propósito

de lingüística, julgámos proveitoso transcrever os seguintes dois capítulos de Dugas, extraídos da «História da Filosofia» de P. Janet e G. Séailles

Lingüística e Psicologia — À medida que progride, a lingüística destaca-se da filosofia para se ligar à psicologia e à sociologia.

O problema filosófico da origem da linguagem está definitivamente afastado; já não se põe, está declarado insolúvel; pelo menos «não é um problema de ordem lingüística». Com efeito,

por muito que remontemos na historia das línguas, não conseguiremos atingir a origem da linguagem, porque «nunca nos encontramos senão com línguas muito evoluídas que teem atraz de si um passado considerável de que nada sabemos. As línguas mães nada teem de primitivo; informam-nos sôbre as transformações que a linguagem sofreu, mas não nos indicam como ela se creou». (Vendryès).

Libertando-se da filosofia, a lingüística também se libertou da lógica, concebida como sistema de categorias estabelecidas *à priori*. «Cabe aos lógicos definir as categorias lógicas e decidir se atraz da miscelânea das categorias gramaticais há categorias lógicas que valham para tôdas as línguas e a tôdas sejam impostas pela estructura do cérebro

humano» (*ibid.*). Para a lingüística, ciência histórica, a gramática geral, se existe, não pode vir senão depois da gramática comparada e como conclusão desta. A tábua das categorias ou «partes do discurso» está por estabelecer, e não o pode ser senão empiricamente. Ora o número das categorias gramaticais varia duma língua para outra e, em cada língua, duma época para outra; a julgá-los pelas suas línguas, os povos teriam, portanto, mentalidades diferentes; mas porque uma categoria falta a uma língua não se segue que falte ao espírito dos que a falam, porque a intonação, o gesto, suprem os meios de expressão; os recursos da linguagem são infinitos; o espírito nunca os esgota; os que emprega e com que se contenta teem um carácter irregular, arbitrário, contingente; não valem senão pela consagração do uso, o que fez supor que «as categorias seriam de origem social e dependeriam da sociedade».

Assim encaradas como factos históricos ou sociais, as categorias gramaticais não são ainda senão dados a interpretar psicológicamente; a esta tarefa, o lingüista não pode eximir-se; não se contenta em levantar a lista das categorias; classifica-as, estabelece entre elas uma ordem hierárquica,